

## CONCEPÇÃO DE MEDIAÇÃO: O PAPEL DO PROFESSOR E DA LINGUAGEM

**Sandra Alves Farias**<sup>1</sup>

Universidade de Uberaba (UNIUBE), [sandra.a.farias@gmail.com](mailto:sandra.a.farias@gmail.com)

**Ana Maria Esteves Bortolanza**<sup>2</sup>

Universidade de Uberaba (UNIUBE), [amebortolanza@uol.com.br](mailto:amebortolanza@uol.com.br)

**RESUMO:** Este capítulo tem como objetivo refletir o significado do conceito de mediação e o papel do professor por meio da linguagem, como agente organizador do trabalho educativo e mediador no processo de ensino-aprendizagem, tendo como perspectiva a teoria histórico-cultural, segundo a concepção de Vygotsky e outros autores. Enfatizamos a necessidade do entendimento do conceito de mediação em contextos escolares, uma vez que interpretações limitadas ou equivocadas tem resultado no distanciamento de seu significado e, conseqüentemente, de sua apropriação nas práticas pedagógicas dos docentes. Abordamos também a importância do papel do professor ao mediar os conteúdos curriculares por meio da linguagem oral e escrita, pois ambos são determinantes nos processos de mediação dos conhecimentos científicos historicamente construídos pela humanidade.

**Palavras-chave:** Mediação. Trabalho Docente. Linguagem.

## CONCEPT OF MEDIATION: THE ROLE OF THE TEACHER AND LANGUAGE

**ABSTRACT:** This chapter aims to reflect the meaning of the concept of mediation and the teacher's role through language, as organizer agent of the work educational and mediator in the process of teaching and learning, we have as perspective the cultural-historical theory, according to the conception of Vygotsky and other authors. We emphasize the need to understand the concept of mediation in school contexts, since limited or mistaken interpretations has resulted in the estrangement from their meaning and hence its appropriation in the pedagogical practices of teachers. We approach the importance of the teacher's role to mediate the curricular contents through oral and written language, as both are crucial in the mediation process of the scientific knowledge historically constructed by humanity.

**Keywords:** Mediation. Teaching Work. Language.

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade de Uberaba.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UNESP, docente da Universidade de Uberaba, Programa de Pós-Graduação em Educação.

## Introdução

Mais do que inquietação em torno da atuação docente, mais do que análise das condições de atuação docente em sala de aula com vistas à melhoria do processo de ensino e aprendizagem, este texto constrói-se a partir da necessidade de refletir o significado do conceito de mediação e o papel do professor por meio da linguagem, como organizador do trabalho educativo e mediador no processo de ensino-aprendizagem, tendo como perspectiva a teoria histórico-cultural, segundo a concepção de Vygotsky e outros autores. O foco é, portanto, a compreensão da concepção de mediação no desempenho das práticas pedagógicas do professor em sala de aula.

No contexto educacional contemporâneo, marcado por profundas mudanças tecnológicas da informação e da comunicação entendemos que é necessário o educador conhecer o significado do conceito de mediação em sua atuação docente. Tais mudanças, que se fazem acompanhar de mudanças históricas, políticas e socioculturais, exigem do educador competência para utilizar os recursos que lhes são disponibilizados para sua atuação docente e, ainda, utilizar práticas pedagógicas que se adéquem às exigências do mundo atual.

Nesse sentido, pretendemos contribuir para o enriquecimento da discussão em torno do processo de mediação pedagógica, evidenciando que, por meio dela, o professor desenvolve competências e modos de ensinar que devem assegurar aos alunos a aprendizagem dos conhecimentos e conceitos científicos, transmitindo dessa forma a herança cultural acumulada pelas

gerações anteriores ao longo da história da humanidade.

Como ser histórico e social, inserido na cultura, o homem se apropria e produz conhecimentos, transformando a realidade que o cerca, a partir da interação com o outro, sendo que a linguagem tem um papel fundamental nesse processo, pois é um instrumento cultural complexo que medeia a relação do homem com os objetos e com os outros homens, por meio da qual o homem se constitui. De acordo com Fino (2001), esta é a concepção de Vygotsky ao propor uma psicologia marxista, com base no materialismo dialético. São estes os pressupostos que apoiam as reflexões aqui tecidas e que nos permitem compreender a questão da mediação na educação formal.

No desenvolvimento cultural do indivíduo é fundamental a ação de outras pessoas atuando como mediadoras no processo de aquisição da cultura e no desenvolvimento da linguagem e do pensamento. De acordo com Vygotsky (1995, *apud* PASQUALINI, 2011, p. 9), o processo de desenvolvimento cultural da criança obedece aos seguintes passos: primeiramente “outras pessoas atuam sobre as crianças”, promovendo a partir daí “a interação da criança com seu entorno”; por fim, a criança se torna capaz “de atuar sobre as demais” e posteriormente “começa a atuar em relação consigo mesma”. Assim, esse processo ocasiona “o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e de todos os demais processos superiores da conduta”.

Partindo da concepção de linguagem como um sistema de signos que se constitui como instrumento cultural complexo e que medeia a atividade do homem, e, considerando que o professor utiliza a linguagem no processo de mediação de conhecimentos e conceitos científicos,

pode-se inferir que a linguagem é o principal recurso de que ele dispõe no processo de mediação pedagógica. Para Vygotsky, a linguagem é a base das interações sociais, visto que viabiliza a comunicação humana. Segundo Fino (2001), Vygotsky fundamenta essa proposição, apresentando a linguagem como uma ferramenta constituída de signos, cuja função primordial é viabilizar a comunicação e desenvolver o pensamento. Portanto, a linguagem funciona como instrumento simbólico que medeia a relação do homem com os outros e com a realidade concreta na qual nasce, se desenvolve e se constitui como ser social, histórico e cultural.

Silva e Davis (2004, p. 643), mostram que “a linguagem, de acordo com Leontiev (1991), Luria (1986, 1992) e Vigotski (1991, 1995), tem a função de comunicar, regular o comportamento, planejar a ação e generalizar conceitos e experiências que designam coisas, ações e relações”. Nessa perspectiva, a linguagem em suas diferentes formas é responsável pela síntese de toda experiência humana na história, particularmente a linguagem verbal. Assim, é por meio dela que a criança se apropria dos conhecimentos e constrói conceitos.

A escrita é uma forma de linguagem que atua no desenvolvimento das funções superiores e requer da criança um nível de abstração diferente da linguagem oral, precisa ser ensinada de forma sistemática e tem entre outras a função de desenvolver o pensamento abstrato. Segundo Silva e Davis (2004, p.645):

A linguagem escrita é a primeira e mais evidente manifestação cultural do homem, pois se refere a um sistema externo, constituído por signos (gestos, desenhos e letras), que é internalizado; a linguagem escrita é,

inicialmente, um sistema simbólico de segundo grau (por representar a fala) e, posteriormente, de primeiro grau, por se tornar independente da fala.

Para compreender o processo de mediação é preciso retomar sua concepção na perspectiva histórico-cultural, uma vez que vem sendo empregado com significados diversos, remetendo à ideia de o professor estar entre os conhecimentos a serem transmitidos e os educandos, apenas como facilitador no processo de aprendizagem. Sforzi (2008) propõe a necessidade de ressignificação do conceito de mediação na perspectiva histórico-cultural, pois, segundo a autora, educadores vêm utilizando equivocadamente o conceito em suas práticas pedagógicas.

Em Libâneo (2004), buscamos o conceito de mediação e sua proposição nos leva ao entendimento que o professor provê aos alunos os meios necessários para a apropriação dos conceitos científicos e “desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas”, através da sua atividade de ensinar (LIBÂNEO 2004, p.5). Nessa perspectiva, é no espaço escolar que o professor promove a aprendizagem, visto que, ao se colocar como mediador dos conhecimentos e conceitos científicos viabiliza a apropriação e a objetivação por parte de seus educandos desses conhecimentos e conceitos científicos, fundamentais para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Visando aprofundar a reflexão sobre a importância da mediação bem como do papel mediador do professor, no tópico que se segue apresentamos resumidamente a vida de Vygotsky e uma breve abordagem sobre a teoria histórico-cultural, que servirão de base para compreender a temática proposta neste texto.

## 1. Algumas considerações sobre Vygotsky e a teoria histórico-cultural

Segundo Libâneo (2004, p. 8-9): “No Brasil, os estudos e pesquisas sobre a teoria de Vygotsky desenvolveram-se desde que intelectuais brasileiros tiveram acesso às suas obras na segunda metade dos anos 1980, estando disponível hoje uma vasta bibliografia”. Por meio destes estudos e pesquisas, podemos ter uma compreensão sobre a relevância da obra de Vygotsky cujos conceitos servem de base para pensar o processo de ensino e aprendizagem. A importância da educação formal, a convicção de que o ensino está associado ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores do educando, a origem e natureza dessas funções e a relevância dos fatores de ordem cultural, social, histórico constituem contribuições no campo específico do trabalho docente e orientam a escola e os professores no bom cumprimento do papel de ensinar e promover o desenvolvimento humano.

No Brasil, de acordo com Mainardes e Pino (2000) a teoria vigotskiana começa a entrar lentamente no fim dos anos 1970. Grupos de estudos formaram-se na década de 1980, na PUC/SP e influenciaram a formação de outros grupos em universidades dos estados de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Quanto à divulgação da obra de Vygotsky no Brasil, em 1984, a editora Martins Fontes “publicava a versão brasileira de *Mind in Society* (A formação social da mente) e, em 1987, a de *Tought and Language* (Pensamento e linguagem), permitindo o primeiro acesso às ideias de Vygotski”. Na década de 1990, “algumas redes de ensino basearam-se em contribuições desta teoria para a definição

de propostas curriculares” (MAINARDES; PINO, 2000, p. 255).

De acordo com Mainardes e Pino (2000, p. 256), no início da década de 1990, “começam a surgir as primeiras publicações sobre Vygotsky, principalmente artigos: em parte, tratando de questões conceituais e metodológicas e, em parte, de pesquisas tendo como referencial as ideias do autor”. Na década de 2000 assistimos a uma inserção cada vez maior da teoria vigotskiana no Brasil: crescem os grupos de pesquisa, as publicações em periódicos, as dissertações e teses defendidas tendo como aporte teórico a escola de Vygotsky. Em 2009, a editora Ática lança “Imaginação e criação na infância”, textos de Vygotsky traduzidos diretamente do russo por Zoia Prestes, com comentários de Ana Luisa Smolka.

### 1.1 Lev Semenovich Vygotsky

O psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky nasceu na Rússia, em 1896. Em um curto espaço de tempo dedicou-se ao estudo científico da natureza e origem das funções superiores da mente humana, fundamentado nas proposições do materialismo marxista. Dentro da sua breve história de vida (morreu com 38 anos) desenvolveu as concepções sobre o desenvolvimento do homem (ontogênese) e da humanidade (filogênese) que constituíram os estudos da teoria histórico-cultural e, sobretudo, dedicou-se aos estudos do desenvolvimento das funções psicológicas superiores em relação aos processos de ensino-aprendizagem da criança, evidenciando a importância de o ensino incidir na área de desenvolvimento próximo ou iminente do aluno.

Com a psicologia inicialmente denominada de psicologia instrumental, Vygotsky, fundamentou seus estudos por

meio de experimentos que realizou no interior da escola a partir dos quais ele construiu as teorias que sustentam suas teses, diferentemente das pesquisas realizadas em laboratórios, como por exemplo, de Piaget.

## 1.2. A cultura como produto da criação humana

Um aspecto que procuramos destacar do pensamento vygotskiano e de seus discípulos (Luria, Leontiev, Elkonin) afirma que o que distingue o homem dos animais é a cultura. Vygotsky (*apud* PINO, 2000, p. 54), define cultura como “um produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem”. Segundo esse ponto de vista, a cultura é o resultado de tudo aquilo que o homem produz utilizando-se de instrumentos no contexto social.

Primeiramente o homem organizou-se em sociedade, demonstrando com isso que o social é uma de suas características peculiares, nesse contexto, dado o atributo de criar e pela ação criadora, o homem organizou culturalmente o modo de vida em sociedade onde se estabeleceu por meio da atividade do trabalho, nas relações sociais. De acordo com Pino (2000, p. 53), a cultura surge decorrente do social, dando a ele “novas formas de existência”. Isso demonstra que “o social é, ao mesmo tempo, condição e resultado do aparecimento da cultura”, pois, conforme explica o autor, a natural social do homem foi a condição para que a sociabilidade humana se estabelecesse, por outro lado, “é resultado porque as formas de humanas de sociabilidade são produções do homem, portanto, obras culturais”

A cultura é, portanto, fenômeno social e produto da criação humana. É tudo aquilo que o homem produz por meio de

seu trabalho usando para isso o intelecto e os meios materiais. Para Leontiev (2004, p. 283). “Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens”.

Na perspectiva histórico-cultural o que distingue o homem dos animais é a cultura, isto é, a capacidade de acumular conhecimentos no contexto social, de apropriar-se e de objetivar os conhecimentos e conceitos científicos produzidos. É, portanto, por meio da cultura que o homem se constitui. Leontiev (2004, p. 279) afirma que “o homem é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade”<sup>3</sup>, Desde as origens da história humana, mudam os homens e suas condições de existência, sendo as aquisições dessa evolução transmitidas de geração em geração por meio da cultura.

No processo de evolução do homem, de acordo com Leontiev (2004, p. 283) surge uma “forma que só aparece com a sociedade humana: a dos fenômenos externos da *cultura material e intelectual*” O avanço da produção de bens materiais se faz acompanhar do desenvolvimento intelectual, promovendo o avanço das ciências e das artes. Entre os fenômenos da cultura intelectual, está a aquisição da linguagem, definida por Leontiev (2004, p. 288) como “processo de apropriação das operações de palavras que são fixadas historicamente nas suas significações”.

Para desenvolver as aptidões humanas, que para Leontiev (2004, p. 290) estão postas nos “fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam”, o homem precisa se apropriar

<sup>3</sup> Grifo do autor

de seus resultados, entrando em “relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles”. É a educação formal responsável por transmitir a cada geração as aquisições da cultura humana, sendo a escola o espaço mediador por excelência.

Podemos afirmar assim que a cultura é a soma de todas as criações materiais produzidas pelo homem no contexto social. Leontiev (2004) expõe que é pelo trabalho, atividade fundamental e especificamente humana, que o homem se apropria das produções deixadas pelas gerações precedentes.

É por meio do trabalho que o homem cria e modifica objetos para prover-se de meios necessários à sua sobrevivência. Logo, o avanço que se mostra nos bens produzidos em contexto sócio-histórico, reflete o grau de desenvolvido cultural daquele momento histórico. Para Leontiev (2004, p. 284):

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais.

As atividades do homem derivam-se do trabalho. O trabalho gera progresso e o progresso, por sua vez, representa o desenvolvimento sociedade. O desenvolvimento do homem está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento da cultura e da sociedade.

A atividade é conceito chave da teoria histórico-cultural para Libâneo (2004, p. 4).

Segundo o autor, a atividade é concebida como mediadora da relação entre o homem e o mundo objetivo, visto que, “o homem não reage mecanicamente aos estímulos do meio, ao contrário, pela sua atividade põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo”.

Quando o homem produz, ele deixa gravado no material criado suas aptidões, seus conhecimentos e o seu saber-fazer, como pistas para as gerações precedentes que se apropriam do produto e o reproduzem seguindo as pistas deixadas no cenário social. Desse modo, a linguagem utilizada numa sociedade representa bem essa situação, pois a linguagem é criação humana, em função disso, a apropriação dela por outro homem ocorre “pela aprendizagem da língua que se desenvolve num processo histórico, em função das características objetivas desta língua”.

Leontiev (2004, p. 284), afirma que “o mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber”, sendo estes desenvolvidos e difundidos dentro de um contexto social onde o homem, no convívio social, entra em contato com a cultura, que é fator determinante na constituição do homem enquanto homem.

Nesta perspectiva, Libâneo (2004, p. 4) retoma o pensamento da escola de Vygotsky para explicar que: “A cultura desempenha, assim, um papel relevante por permitir ao ser humano a interiorização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações”.

Sendo a escola um “lugar de mediação cultural”, é, conseqüentemente, o espaço em que o professor, por meio de suas práticas pedagógicas, organiza para

seus alunos a aprendizagem dos conceitos científicos. Libâneo (2004, p. 5) define a pedagogia como uma “prática cultural intencional de produção e internalização de significados para, de certa forma, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos”.

De acordo com Fino (2001), os estudos de Cole mostram que Vygotsky insistiu em estudar o indivíduo vinculado ao seu contexto social. Nesta perspectiva, entendemos que o desenvolvimento psicológico e intelectual das crianças só pode ser compreendido dentro das circunstâncias históricas e culturais nas quais o indivíduo nasce, cresce e onde participa das relações sociais fundamentais no processo de aquisição da cultura pelo homem. Para se apropriar dos bens culturais e simbólicos, o homem precisa utilizar instrumentos ou artefatos materiais e simbólicos.

### **1.3. Linguagem: instrumento de comunicação e desenvolvimento do pensamento**

Ao tratar dos artefatos materiais e simbólicos criados pelo homem em sua relação com os objetos concretos, Vygotsky (2012) aponta a linguagem como sistema de signos dotados de sentido e significado que se desenvolve inicialmente no âmbito da família, espaço em que se dá a interação com os outros, estendendo-se para outros espaços como a escola, os amigos, os vizinhos, o trabalho etc. Portanto, é no convívio social que a linguagem atua como um instrumento da comunicação, mediando o processo de internalização dos conhecimentos e conceitos científicos que ordenam o mundo, e, simultaneamente, para o desenvolvimento do pensamento.

Em *Pensamiento y Lenguaje*, Vygotsky (2012, p. 47) descreve o papel do

signo mediatizador das funções psíquicas superiores, enfatizando que:

Todas as funções psíquicas superiores são processos mediatizados e os signos são os meios básicos utilizados para dominá-los e dirigi-los. O signo mediatizador está incorporado a sua estrutura como uma parte indispensável, verdadeiramente central do problema em sua totalidade. Na formação do conceito, esse signo é a palavra que joga primeiro o papel de meio, e mais tarde se converterá em seu símbolo<sup>4</sup>.

Ao explicitar o conceito de zona de desenvolvimento próximo ou iminente, Vygotsky (2012, p.103) mostra a relação entre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a aprendizagem, apontando o papel do professor e do ensino nesse contexto. Segundo o autor, na zona de desenvolvimento real, o aprendiz mostra aquilo que sabe ou que é capaz de aprender sozinho. A zona de desenvolvimento proximal aponta o que o educando não domina, mas é capaz de aprender com o auxílio de pessoas mais experientes para desenvolver a aprendizagem. Tais pessoas podem ser o professor, um tutor, uma pessoa mais experiente e até mesmo uma criança mais velha. Nesse processo, a linguagem é um instrumento mediador fundamental no trabalho docente que realiza o professor em sala de aula.

Enfim, a obra de Vygotsky desenhou para o mundo uma concepção nova de homem como um ser que se constitui no processo de interação com o outro dentro da ordem cultural, social e histórica. Ao relacionar aprendizagem ao desenvolvimento, o autor trouxe uma novo olhar para a abordagem de ensino e aprendizagem, mostrando como o ensino

<sup>4</sup> Tradução nossa

intencional pode promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos educandos.

## 2. Mediação segundo Vygotsky e outros autores

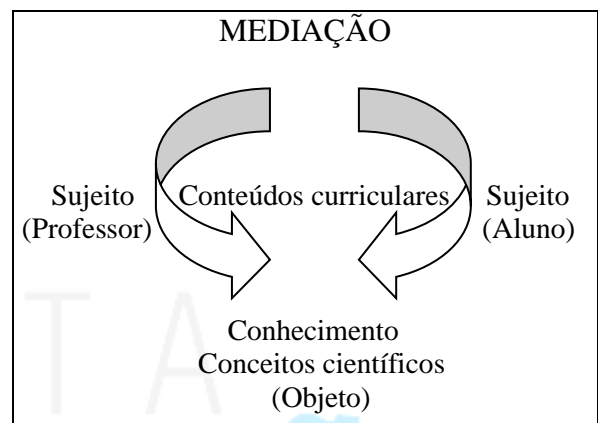
O que é mediação? Qual é o papel do professor no processo de mediação dos conhecimentos e conceitos científicos? Estas e outras indagações surgem a partir da discussão sobre mediação, mas antes de tratar da questão, consideramos relevante nesse estudo reafirmar a discussão de Sforzi (2008, p. 1) que evidencia enfaticamente o uso do conceito de mediação em contextos escolares como “sinônimo de ajuda empreendida pelo professor na interação com o aluno”. Segundo a autora isso denota certa trivialidade em torno do tema e manifesta uma compreensão distanciada do significado que o conceito apresenta na teoria vygotskiana. Aqui, tais considerações são fundamentais para esclarecer alguns pontos sobre mediação, principalmente no que se refere ao seu emprego no contexto educacional.

### 2.1 Significação do conceito de mediação

Para Vygotsky (1989, *apud* PINO, 2000, p. 65-66), “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”. O processo de aquisição de conhecimento se dá a partir das interações com outros e, esse processo de interação é mediado por artefatos físicos e ferramentas simbólicas, ambos criados pelo homem para servirem de mediadores das próprias ações no mundo. A mediação é condição necessária para o desenvolvimento cultural do indivíduo. Nesse processo “o mundo adquire significação” para o indivíduo que se torna um ser cultural. Portanto, “a significação é

a mediadora universal nesse processo em que o portador dessa significação é o outro, lugar simbólico da humanidade histórica”.

Para exemplificar o processo de mediação, apresentamos o quadro abaixo que propomos para evidenciar a perspectiva na qual a mediação adquire sentido no desenvolvimento humano, segundo a teoria histórico-cultural.



No entender de Sforzi (2008), o conhecimento é o objeto mediador central da relação do homem com o mundo. É nesse processo que o desenvolvimento humano se torna possível. Segundo a autora, a apreensão por parte do professor do conceito de mediação aumenta a possibilidade de se atingir os resultados esperados na educação escolar e possibilita uma compreensão do processo de internalização do conhecimento pelo indivíduo, assim como do papel da escola nesse processo como instituição que promove o ensino e a aprendizagem.

### 2.2 A linguagem verbal como objeto e instrumento cultural

A significação é dada pela linguagem como fenômeno social, histórico e cultural, um sistema de signos dotados de sentidos e significado, sendo a responsável pela comunicação entre os seres humanos.



Como instrumento mediador, a linguagem funciona como meio do qual se serve o homem para conhecer a realidade e se apropriar dela, uma vez que não há uma relação direta entre o homem e o mundo. É por intermédio da linguagem que o homem conhece a realidade, portanto ela é objeto e instrumento cultural mediador. Ao longo da sua história, o homem criou um conjunto de signos escritos articulados em um código para poder registrar suas ações, comunicar-se a distância, na ausência de seu interlocutor e, dessa forma, nasceu a escrita.

Nas sociedades letradas, os conhecimentos e práticas sobre a linguagem verbal são requisitos para participação dos indivíduos no mundo da cultura escrita. De acordo com Mortatti (2004, p. 100):

Dentre os bens culturais, encontram-se a leitura e a escrita como saberes constitutivos das sociedades letradas e que devem propiciar aos indivíduos ou grupos sociais não apenas o acesso a ela, mas a participação efetiva na cultura escrita. A apropriação e utilização desses saberes é condição necessária para a mudança, do ponto de vista tanto do indivíduo quanto do grupo social, de seu estado ou condição nos aspectos cultural, social, político, linguístico, psíquico [...] (MORTATTI, 2004, p. 100).

Nessa perspectiva, a linguagem escrita é um bem simbólico fundamental que precisa ser ensinada para ser apropriada pelos indivíduos que dela fazem uso individual e socialmente, no cotidiano. Refletir sobre o papel da linguagem, como instrumento indispensável de que se serve o professor em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem, é condição *sine qua non* para pensar a mediação e o papel do professor como organizador do trabalho educativo, por meio de práticas pedagógicas que garantam a mediação dos

conhecimentos e conceitos científicos historicamente acumulados pela humanidade.

Vygotsky abordou geneticamente a linguagem (fala) e a escrita, evidenciando as diferenças entre uma e outra. Devemos esclarecer que segundo (PRESTES, 2010, p. 176), “a tradução da palavra *retch* não é simples e merece uma análise pelas implicações que apresenta no pensamento de Vigotski”. De acordo com a autora, “Vigotski refere-se à relação entre o pensamento e a fala, ou seja, algo expresso oralmente ou de forma escrita”. Neste texto quando usamos a palavra linguagem, a empregamos como sinônimo de fala, seja fala oral ou fala escrita na perspectiva de Vygotsky, usualmente traduzida por linguagem por tradutores no Brasil.

Ao tratar da linguagem escrita, as investigações de Vygotsky (2012, p. 76), demonstraram que:

[...] o desenvolvimento da escrita não repete a história evolutiva da fala. A linguagem escrita é uma função linguística separada, que difere da linguagem oral, tanto na estrutura como em sua forma de funcionamento. Seu desenvolvimento requer um alto nível de abstração. É fala em pensamento e imagem somente, a ela faltam as qualidades musicais expressivas e de entonação da linguagem oral.

Portanto, consideremos neste texto que a fala é aprendida naturalmente e organiza-se como um sistema de signos ou símbolos que utilizamos como recursos para nos comunicarmos no cotidiano. A segunda, a escrita é a codificação da linguagem oral sistematizada conforme regras e princípios da gramática de determinada língua. Em vista disso, entre linguagem falada e escrita existem

diferenças quanto a estrutura e a função de cada uma, fato que demarca uma certa complexidade na aprendizagem da linguagem de natureza escrita e da leitura, que não passou despercebido nos estudos de Vygotsky.

Para o autor, as dificuldades em torno do ensino da escrita persistem historicamente no interior da escola. A esse respeito, Vygotsky (1996, p.1) afirma o seguinte:

Na escola as crianças aprendem a língua escrita, mas para traçar as palavras e, por isso, sua aprendizagem não ultrapassa os limites da ortografia e da caligrafia tradicional. Isto é explicado principalmente por causas históricas, pelo fato de que sobre a pedagogia prática, recai a existência de inúmeros métodos de ensino da leitura e da escrita, todavia, ainda não se desenvolveu um sistema de ensino da linguagem escrita suficientemente racional e fundamentado na ciência e na prática. Por isso a problemática desse ensino continua sem solução até o dia de hoje. Ao contrário do ensino da linguagem oral, no qual a criança se integra sozinha, o ensino da linguagem escrita fundamenta-se em uma aprendizagem artificial que exige concentração e esforço demasiados por parte do professor e do aluno.<sup>5</sup>

Diferentemente do processo de aquisição da linguagem oral, o nível de abstração da língua escrita é maior e, por isso, exige a presença do outro para guiar e criar as condições adequadas a sua apropriação e desenvolvimento. Portanto, no espaço escolar essa tarefa cabe ao professor, pois ele é o responsável pela instrução da escrita e da leitura e de seus usos, necessários para a apropriação da diversidade de gêneros textuais orais e escritos que circulam na sociedade, em

diferentes suportes. Ainda, segundo Vygotsky (2012), o ensino da escrita em suas formas elaboradas de expressão promove o desenvolvimento de funções intelectuais como o pensamento abstrato.

Vygotsky (2012, p. 92) afirma que “a instrução escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização do processo mental por parte da criança”. Nesse sentido, a escola é a instituição responsável pela educação formal e o ensino intencional é a mola propulsora do desenvolvimento humano, cabendo ao professor atuar como organizador do processo educativo.

O ensino ocorre por meio da linguagem (oral e escrita), a aprendizagem se realiza por meio da linguagem (oral e escrita), o pensamento se materializa nas palavras (pensamento verbal). Dessa forma, a linguagem oral e escrita é o elemento central do desenvolvimento da consciência humana e da relação entre o homem e o mundo que o circunda. Essas são concepções desenhadas por Vygotsky quando dá especial atenção à temática do pensamento e da linguagem, considerando, para isso que é através do significado que se pode compreender a relação entre o pensamento e a linguagem, visto ser o significado que possibilita a junção entre o pensamento e a linguagem.

À escola cumpre o papel de propiciar aos educandos a aprendizagem dos conhecimentos e conceitos científicos, visto que ela tem a seu favor a ciência e os modos de ensinar. Mas só podemos afirmar que a escola atinge de fato este objetivo quando se realiza a internalização dos conhecimentos e conceitos científicos que existem em “outros”, efetivamente compartilhados por meio do processo de mediação.

<sup>5</sup> Tradução nossa

### 2.3 O processo de mediação

Vygotsky (2012) aponta dois aspectos da construção do conhecimento envolvidos nos processos de mediação, os quais nos dão uma compreensão clara sobre o conceito de mediação. O primeiro trata dos “conceitos espontâneos”, formados cotidianamente, de modo espontâneo por meio da observação, durante o processo de interação social do homem com os outros e com os objetos da realidade que o cerca. O segundo são os “conceitos científicos” adquiridos por meio do ensino intencional, em contextos escolares, cujo objetivo maior é a formação do pensamento teórico e científico, já citados neste texto.

A aquisição de tais conceitos científicos exige desde o início a participação de um mediador em todo o processo de aprendizagem, de tal forma que a instrução ou ensino incida na zona de desenvolvimento próximo ou iminente, promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como o pensamento, o raciocínio, a atenção, a memória. Nesse processo podemos dizer que houve mediação e que efetivamente o aluno se apropriou dos conhecimentos e conceitos científicos sistematizados em sala de aula.

Segundo Marino Filho (2011, p. 168-169), a evidência de que ocorreu de fato a mediação pode ser comprovada por meio de “alguma transformação, que pode ser objetivada”. Isso implica a necessidade de se avaliar “os resultados da atividade para a aferição do processo, porque o processo se materializa no resultado”. “Um instrumento mediador é para alguma finalidade”, pois não age de forma independente e autônoma, como por exemplo, prossegue o autor, “um lápis (instrumento) na mão de um iletrado não viabiliza a transposição de pensamentos

e ideias para um pedaço de papel”. Neste exemplo, o lápis não se constitui em instrumento mediador, pois não resulta na apropriação do iletrado para registrar no papel seus pensamentos e ideias, isto é, o sujeito não o utiliza para a finalidade para qual foi criado o objeto lápis: registrar algo no papel.

No exemplo citado, o lápis não é um instrumento mediador, “mas tão somente uma possibilidade interdependente das múltiplas determinações históricas entre as unidades homem/papel”. Conclui Marino Filho, (2011, p. 169) que “esse exemplo é importante para compreender a complexidade da questão que envolve a afirmação de que o professor é mediador no processo educativo e pedagógico, que a educação é mediadora do processo de humanização”.

Tendo em vista a concepção de mediação aqui explicitada, passamos no tópico seguinte à abordagem do papel mediador do professor no ensino da linguagem verbal, em suas modalidades de leitura e escrita e de suas práticas.

### 3. O papel mediador do professor e da linguagem oral e escrita

Apesar de todo o processo de modernização da sociedade, com a introdução das tecnologias de informação e de comunicação, que nas últimas duas décadas são consideradas responsáveis por instaurar novas formas de pensar, novos hábitos, mudanças de paradigmas e inovações em todas as instâncias sociais, inclusive no contexto educacional, a instituição escolar não perdeu sua função de ensinar os conhecimentos e conceitos científicos acumulados pela humanidade ao longo de sua história. Na escola, o ensino da leitura e da escrita passa pela diversidade de gêneros textuais e suportes por meio dos

quais se materializam os textos orais e escritos, impressos e digitais.

### 3.1 O professor como mediador

É o professor quem realiza o papel de criar as condições de aprendizagem, por meio de práticas pedagógicas planejadas intencionalmente, isto é da organização do trabalho educativo, para que seus alunos possam se apropriar dos conhecimentos e conceitos científicos sistematizados nos conteúdos curriculares, apropriando-os e objetivando-os, isto é, realizando mediações cognitivas. Segundo Libâneo (2004, p. 5), na tarefa de mediação “o professor se põe entre o aluno e o conhecimento para possibilitar as condições e os meios de aprendizagem, ou seja, as mediações cognitivas”.

Entendemos que o processo de aprendizagem, em russo *obutchenie*, é “processo simultâneo de ‘instrução’, ‘estudo’ e ‘aprender por si mesmo’” que, de acordo com Zoia Ribeiro Prestes, em sua tese de doutorado defendida em 2010, deve ser traduzido por “instrução” (PRESTES, 2010, p.184). Nesse sentido, a escola é o lugar da instrução, isto é, da atividade de aprender orientada intencionalmente pelo professor que ensina.

Nesse contexto, reafirmamos a concepção de Libâneo (2004, p. 5) sobre a escola como “lugar de mediação cultural” nos dias de hoje. Entretanto, para cumprir a função de ensinar os conhecimentos e as práticas sobre a leitura e a escrita, o professor precisa adquirir competências nos modos de organizar intencionalmente esses conhecimentos e práticas específicos, associando o ensino ao desenvolvimento “cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos”. Só assim, podem os educandos se apropriarem dos conhecimentos e práticas

necessários para sua inserção no mundo da cultura escrita.

### 3.2 A linguagem: instrumento mediador da comunicação e do pensamento

Para Vygotsky (2010), a escola é um espaço social privilegiado para o desenvolvimento intelectual do educando, uma vez que ela propicia a formação de conceitos científicos, visto ter a seu favor a ciência e a forma de expressá-la. Em sua perspectiva histórico-cultural defende que há uma intrínseca relação entre ensino e desenvolvimento mental, sendo que nessa relação a linguagem e o pensamento recebem maior enfoque.

A linguagem é entendida como um instrumento que possibilita a mediação das ações do pensamento funcionando como um recurso intelectual do homem para intervir entre duas circunstâncias a fim de garantir a relação cognitiva com o mundo. Pois, sendo o pensamento fruto do contexto social, a linguagem, por sua vez desempenha um papel fundamental de fornecer ao pensamento os elementos que garantem seu desenvolvimento, considerando que é no contexto histórico e social que o homem constrói seu conhecimento e se constitui através do outro num processo interativo mediado pela linguagem na atividade humana (VYGOTSKY, 2010).

Segundo Fino (2001), para Vygotsky, a linguagem é considerada uma ferramenta constituída de signos dotados de sentido e significado, cuja função primordial é viabilizar a comunicação e desenvolver o pensamento, constituindo-se a base das interações sociais. Nesse aspecto, a linguagem funciona como instrumento de mediação, pois possibilita a relação entre o homem e seu meio social, histórico e cultural. O conceito de mediação permeia o

pensamento vigotskiano, como demonstra Fino (2001, p. 4) ao expor o pensamento de Cole e Wertsch (1996) que consideram a mediação como “fator central da psicologia de Vygotsky, para quem a utilização de artefatos, que são social e culturalmente construídos, tem efeitos sobre a mente do utilizador e sobre o contexto envolvente”.

Ao tratar dos artefatos materiais e simbólicos criados pelo homem em sua relação com os objetos concretos, Vygotsky aponta a linguagem como sistema de signos dotados de sentido e significado que desenvolvem inicialmente no âmbito da família, espaço em que se dá a interação com os outros, estendendo-se para espaços como a escola, os amigos, os vizinhos, o trabalho etc. Portanto, é no convívio social que a linguagem atua como instrumento de comunicação ao mediar a internalização de conhecimentos historicamente construídos pela humanidade e, simultaneamente, promover o desenvolvimento do pensamento.

Em *Pensamiento y lenguaje* (VYGOTSKY, 2012, p. 47), o autor descreve o papel do signo mediatizador das funções psíquicas superiores, enfatizando que:

Todas as funções psíquicas superiores são processos mediatizados e os signos são os meios básicos utilizados para dominá-los e dirigi-los. O signo mediatizador está incorporado a sua estrutura como uma parte indispensável, verdadeiramente central do problema em sua totalidade. Na formação do conceito, esse signo é a palavra que joga primeiro o papel de meio, e mais tarde se converterá em símbolo.<sup>6</sup>

Vygotsky (2001) diferencia linguagem escrita e linguagem oral,

afirmando que a linguagem escrita é o reverso da linguagem oral. Enquanto na linguagem oral os interlocutores compartilham a mesma situação, usam como recurso de expressão a mímica, o gesto e a entonação para se comunicarem; na linguagem escrita, relacionada à consciência e à intencionalidade, seus interlocutores não compartilham a mesma situação, não podem recorrer aos recursos de gesto, mímica e entonação, o que exclui o caráter de abreviação da linguagem oral. Opostamente, a linguagem escrita é uma atividade complexa, de caráter monológico, que exige reflexão prévia. O autor diferencia também significado e sentido, ao afirmar que “a palavra em sua singularidade tem somente um significado, mas este significado não é mais que uma potência que se realiza na linguagem viva e na qual este significado é tão somente uma pedra no edifício do sentido” (VYGOTSKY, 2001, p. 333).

A escola de Vygotsky considera que os processos psicológicos superiores do indivíduo são mediados pela linguagem, mediação essa que se realiza entre o sujeito e o objeto e dos sujeitos entre si na comunicação, tornando a linguagem um instrumento mediador fundamental para o desenvolvimento humano.

Ao considerar a tese de que o homem se apropria dos conhecimentos acumulados na cultura pelos seus antepassados e contemporâneos, graças à utilização de instrumentos ou artefatos materiais e simbólicos, temos em conta que a linguagem constitui-se em instrumento mediador universal utilizado pelo homem para tal fim. Nesse sentido, a linguagem funciona como instrumento a favor da mediação, pois possibilita a relação entre o homem e seu meio social, histórico e cultural.

<sup>6</sup> Tradução nossa.

Para Leontiev (2004, p. 93-94):

[...] a linguagem não desempenha apenas o papel de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos, não destacado ainda da produção material. Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. Por isso, quando, posteriormente, a palavra e linguagem se separam da atividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objeto real e só podem portanto existir como fato da consciência, isto é, como pensamento.

Consideramos que para o bom ensino da leitura e da escrita, o professor tem a função de mediar os conhecimentos e práticas sobre a linguagem verbal, bem como as operações de como construí-los, fundamentais para a inserção e participação no mundo da cultura escrita. É por meio de atividades significativas em sala de aula que o professor possibilita aos alunos realizar as “mediações cognitivas” de que trata Libâneo (2004).

Nesse processo, a intervenção do professor vai muito além de facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita e de seus usos. Como mediador cabe a ele instigar no aluno o desejo de aprender, de organizar e reorganizar seu pensamento, oferecendo-lhe as instruções adequadas sobre a linguagem verbal, em suas modalidades falada e escrita. E, nesse sentido, não estamos nos referindo a um aprendizado técnico, mecanicista de uso do código linguístico, mas, sobretudo do papel da linguagem como meio de comunicação e forma de pensamento no desenvolvimento humano.

Levando-se em conta a linguagem escrita como sistema de símbolos complexos criados pelo homem para

registrar suas ações e estabelecer a comunicação a distância, compreendemos que ela constitui-se em uma atividade complexa, cuja aprendizagem se realiza por meio de uma extrema atividade intelectual por parte do sujeito, pois, nessa atividade as funções psicológicas superiores são mobilizadas para abstrair as diferenças na estrutura e função que distinguem a linguagem falada da linguagem escrita. Desse modo, é relevante considerar que a aquisição do complexo código escrito pelo sujeito exige a atuação do outro para fornecer-lhe as instruções adequadas para que a apropriação se dê de forma efetiva.

Uma vez apresentados a concepção de mediação e o papel mediador do professor como organizador das práticas pedagógicas no ensino dos conhecimentos e conceitos científicos e da linguagem como instrumento mediador, passamos às considerações finais, destacando a necessidade de aprofundar a discussão sobre o conceito de mediação e sua instrumentalização em contextos escolares.

#### **4. Considerações finais**

Como exposto no corpo deste texto, tratar sobre a mediação requer primeiramente buscar o significado que o termo foi inicialmente abordado na perspectiva histórico-cultural, por Vygotsky, apontando os equívocos e o distanciamento que o conceito de mediação vem sofrendo em apropriações indébitas e interpretações equivocadas.

O papel do professor, ao mediar os conteúdos curriculares, é estabelecer uma interação entre educador e educando por meio da qual é possível promover um ensino intencional que permite ao educando se apropriar dos conhecimentos e conceitos científicos e desenvolver suas funções psicológicas superiores. Para isto, o

professor precisa planejar seu trabalho educativo por meio de práticas pedagógicas que viabilizem o processo de instrução, ou seja, do ensino e da aprendizagem na escola.

Olhar para o processo de mediação na perspectiva histórico-cultural, cuja principal ferramenta é a linguagem, seja oral ou escrita, significa atribuir ao professor o papel de agente mediador na formação de sujeitos pensantes, autônomos e críticos. Para realizar tal tarefa, os professores precisam evitar o espontaneísmo didático, pois como agentes mediadores, por meio da atividade verbal falada e escrita de seus alunos, devem conhecer teorias e técnicas que lhe permita organizar um trabalho educativo, voltado para o ensino e a aprendizagem (instrução) dos conteúdos curriculares propostos, inclusive da linguagem, em suas modalidades de leitura e escrita.

Concluimos que compete ao professor em sua tarefa de ensinar mediar os conhecimentos e conceitos científicos sobre a linguagem verbal (conhecimentos metalinguísticos), em sua diversidade de gêneros e suportes textuais que circulam na sociedade, por meio da qual os educandos assimilam esses conhecimentos e conceitos científicos, uma vez que a linguagem verbal falada e escrita é, simultaneamente, objeto de ensino e instrumento mediador a ser utilizado em sala de aula.

### Referências

FINO, C. N. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZPD): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, (Portugal), v. 14, n.2, p. 273- 291, 2001. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf> . Acesso em 20/12/2011.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIBÂNIO, J. C. A didática e aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira e Educação*. Rio de Janeiro, n. 27, Set/Out/Nov/Dez 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>. Acesso em 10/11/2011.

MARINO FILHO, A. *A atividade de estudo no ensino fundamental: necessidade e motivação*. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

PASQUALINI, J. C. *Desenvolvimento infantil e ensino: análise Histórico-cultural de Vigotski, Leontiev e Elkonin*. 2008, Caxambu, MG. Anais da 31ª Reunião da ANPEd. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4173--Int.pdf>. Acesso em 20/12/2011.

PINO, A. S. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*. Campinas, ano XXI, nº. 71, julho de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf>. Acesso em 22 dez 2011.

SFORNI, M. S. de F. Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação. In: CAPELLINI, V. L. F.; MANZONI, R. (Orgs.). *Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional*. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. In: Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/nre/ibaiti/arquivos/File/Sforni.pdf>. Acesso 22 dez 2011.

SILVA, F. G. da; DAVIS, C. Conceitos de Vigotski no Brasil: produção divulgada nos Cadernos de Pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 123, set./dez. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a07v34123.pdf> . Acesso em 22/12/2011.

VIGOTSKY, L. S. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor, 1996. Disponível em: [www.educacion.objectis.net/.../VYGOTSKI%20p](http://www.educacion.objectis.net/.../VYGOTSKI%20p). Acesso em: 23/12/2011.

\_\_\_\_\_. *Pensamiento e lenguaje: teoría del desarrollo cultural de las funciones psíquicas*. Disponível em: <http://psikolibro.blogspot.com>. Acesso em: 30/01/2012

Aceito em julho, 2013.

Recebido em fevereiro, 2013.

REVISTA  
PROFISSÃO  
DOCENTE ON  
LINE